

Na Pele De Nós¹

Suzanne dos SANTOS²

Bruna de SOUZA³

Julia GUEDES⁴

Nicolau NEMER NETO⁵

Denise PAIERO⁶

Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar as técnicas de documentário social que contribuíram para a produção de um material audiovisual de não-ficção sobre as diferentes realidades dos beneficiários do Bolsa Família. Inicialmente, foi feita uma revisão bibliográfica. Este projeto se consolida em um segundo momento, por meio da produção de um documentário social que busca mostrar as histórias de famílias que dependem do benefício em duas localidades diferentes: a cidade de Minador do Negrão, no agreste de Alagoas, e o bairro do Capão Redondo, periferia da zona sul paulistana, utilizando-se das técnicas estudadas no levantamento prévio.

PALAVRAS-CHAVE: Bolsa Família; documentário social; Capão Redondo, Minador do Negrão

1. INTRODUÇÃO

O Bolsa Família é um programa do Governo Federal que consiste na transferência de renda a famílias brasileiras em situação de pobreza (renda per capita inferior a R\$140) ou extrema pobreza (renda per capita inferior a R\$70), de acordo com os dados do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (2014, online). Para os beneficiários, há a obrigação de manter seus filhos vacinados e com boa frequência na escola. O Governo Federal repassa o valor definido por análise prévia que será retirado pelas famílias. A

¹ Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Cinema e Audiovisual, modalidade Filme de não ficção/documentário/ docudrama (avulso).

² Aluna líder do grupo graduada no curso de jornalismo, email: suzannetanoue@gmail.com.

³ Graduada no curso de jornalismo, email: brunavichi@hotmail.com.

⁴ Graduada no curso de jornalismo, email: juliamatiasguedes@gmail.com.

⁵ Graduado no curso de jornalismo, email: nicolaunemerneto@gmail.com.

⁶ Orientadora do trabalho. Professora e coordenadora do curso de jornalismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, email: depaiero@gmail.com.

quantia é equivalente ao tamanho do corpo familiar e possui condições específicas para as que apresentam crianças menores de 17 anos e mães que amamentam.

De acordo com o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (2014, online), hoje em dia, aproximadamente 14 milhões de famílias são titulares do Bolsa Família. Por se tratar de uma plataforma de transferência de renda, o que significa que essas pessoas não têm necessariamente que trocar sua força de trabalho pelo dinheiro depositado em suas contas mensalmente, numa sociedade onde a meritocracia é muito valorizada, esse fator pode gerar muitas críticas. Por isso, no Brasil, o programa não é apoiado com unanimidade por sua população. Uma das críticas mais ferrenhas está relacionada ao fato de o programa não possuir uma “porta de saída”, sendo, assim, mais assistencialista do que de promoção do desenvolvimento social (NUNES, 2013, online).

Muitos dos preconceitos relacionados aos beneficiários podem ser atribuídos ao fato de os dados sobre questões sociais no Brasil serem, geralmente, apresentados de forma “macro” e algumas particularidades serem deixadas de fora. Apesar de a discussão sobre políticas sociais (como o Bolsa Família) e seus resultados ser retratada nas redações, muitas vezes esses elementos não são abordados de forma humanizada. De acordo com Costa (2013), "A imprensa generalista hegemônica segue achando que o Bolsa Família é uma herança das políticas clientelistas tradicionais". Também complementa: "Agarradas a dogmas do mercado, as redações se alienam da realidade" (COSTA, 2013, online).

Por essa razão, este trabalho estudou o programa Bolsa Família e as técnicas de documentário social para a produção de uma peça audiovisual que busca refletir, em sua concepção, as características do gênero que podem contribuir na identificação de diferentes realidades sobre os beneficiários do Bolsa Família.

2. OBJETIVO

O objetivo deste trabalho foi utilizar as técnicas do documentário – ferramenta midiática relevante para a mobilização social – na humanização de diferentes realidades sobre os beneficiários do programa Bolsa Família.

3. JUSTIFICATIVA

Antes da consolidação da peça, houve uma revisão bibliográfica com o auxílio de teses que esclareciam o funcionamento do Bolsa Família, além de textos que destacavam a

importância do documentário na cobertura de questões sociais. Além disso, observou-se também, por meio da produção de um artigo, a cobertura midiática do tema nos periódicos Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo. O artigo foi apresentado na aula de Crítica de Mídia do sétimo semestre do curso de jornalismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Levando em consideração os conceitos de representação social, este trabalho utilizou-se da análise de discurso, de conteúdo e enquadramento para entender de que forma estes jornais constroem a imagem do programa e de seus beneficiários.

Uma das constatações adquiridas desde o estudo bibliográfico foi que a discussão em torno deste tema é, essencialmente, política, de ataque da oposição à situação e vice-versa. Os beneficiários quase não têm espaço e, quando têm, as falas dos personagens se mantêm superficiais (Souza et al., 2014). Por essa razão, faz-se necessária uma cobertura mais humanizada do assunto, que preze por elementos não apenas objetivos e com a finalidade de apurar dados, mas também usar da sensibilidade para retratar os beneficiários do Bolsa Família.

4. MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Após revisão bibliográfica, uma pesquisa foi feita em campo, nas regiões escolhidas (Capão Redondo, periferia da cidade de São Paulo e Minador do Negrão, cidade do sertão de Alagoas) com o intuito de resgatar histórias esquecidas nos debates sobre o programa. Como é a vida de pessoas influenciadas pelo Bolsa Família? Como o Bolsa Família realmente está impactando a vida dessas famílias? Cabe ao jornalista investigar.

A escolha do documentário como formato deu-se por diferentes razões. Primeiramente, há pouco material sobre o tema no jornalismo em geral, o que faz com que sua importância seja ainda maior. Portanto, revela-se necessária uma cobertura mais conectada com as aspirações da sociedade e que preze pela pluralidade dos fatos, a fim de cumprir o papel social do jornalismo. Outra razão é a de o documentário ser um gênero audiovisual que registra acontecimentos e mobiliza pessoas. Sendo autoral, pode ser produzido de acordo com as diretrizes do autor, que atribui ao assunto um acabamento artístico e sensível, buscando pela emoção e transformação do espectador.

Para a consolidação do filme, partiu-se do conceito de "documentário" como sendo o "tratamento artístico da realidade", cunhado pelo escocês John Grierson e a escola britânica de documentarismo das primeiras décadas do século XX, destacando o "papel social" deste

tipo de produção (TOMAIM, 2006, p. 72).

De acordo com Tomaim (2006), para Grierson, o documentário tinha uma “identidade própria” que era sustentada por três elementos: o registro pessoal, o ponto de vista e a criatividade. Ou seja: o que a escola britânica de documentário defendia era “intervenção do cineasta no material fílmico (...). O documentarista que, diante do real, exerce seu ponto de vista, escolhe e seleciona os fragmentos que irão compor, juntos, a representação do real” (TOMAIM, 2006, p. 73).

Outra característica legitimadora do documentário britânico refere-se a seu caráter autoral: o comprometimento com as questões sociais, as representações da realidade e seus problemas que não se restringem apenas a um “registro do real”, mas são, sim, um “tratamento criativo da realidade”: “cineasta e obra avançam em direção ao universo da arte” (TOMAIM, 2006, p. 73). O autor faz uso da fala de Penafria (1999) para reiterar essas características:

“(...) para chamarmos documentário a um determinado filme, não basta que o mesmo mostre apenas o que os irmãos Lumière nos mostraram: que o mundo pode chegar até nós pelo olhar da câmara. É absolutamente necessário que o autor das imagens exerça seu ponto de vista sobre essas imagens. É necessário o confronto de um outro olhar: o olhar do documentarista, que se constitui como ponto de vista sobre determinado assunto. É também necessário que o resultado final – o documentário – seja o confronto entre os dois olhares: o da câmara e o do documentarista. Para além disso, o documentário deve pautar-se pela criatividade quanto à forma, como as suas imagens, sons, legendas ou quaisquer outros elementos estão organizados.” (PENAFRIA, 1999, p. 55 apud TOMAIM, 2006, p. 73-4).

No entanto, essa intervenção do autor em sua obra não deve se dar de maneira aleatória. De acordo com Döppenschmitt (2006), pesquisadora que concentrou seus estudos na obra do cineasta cubano Tomás Gutiérrez Alea (1928 – 1996), a emoção despertada por um documentário deve, essencialmente, “desestabilizar o ponto de vista” do espectador:

“(o filme) deveria incitá-lo (o espectador) a mudar sua posição diante da realidade e não apenas da obra artística, o que somente seria logrado mediante um filme que pudesse combinar emoção e razão. Não se trata, portanto, de qualquer emoção à que se pode acrescentar uma dose de razão, de ideias, de ‘conteúdo’, mas da emoção ligada à descoberta de algo, à compreensão racional de algum aspecto da realidade” (DÖPPENSCHMITT, 2006, p. 189).

A pesquisa foi realizada em duas etapas. Parte-se de uma investigação exploratória, de caráter qualitativo, que tem como objetivo "proporcionar maior familiaridade com o

problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses" (GIL, 2002, p. 41) chegando à consolidação de um produto final, um documentário.

Como primeira etapa do trabalho, foi feita uma revisão bibliográfica a fim de que, à luz de alguns autores, fizessemos uma análise mais aprofundada sobre os temas: programa Bolsa Família, as localidades da pesquisa de campo, o cinema documental, seus desdobramentos no Brasil, o documentário, o jornalismo e as questões sociais. Apesar de tratar-se de uma investigação qualitativa, nos apoiamos em dados quantitativos a fim de justificar a definição das regiões de maior relevância para a pesquisa de campo: Capão Redondo e Minador do Negrão.

A segunda etapa se deu na consolidação do documentário, que foi filmado entre os meses de Junho e Setembro de 2014, nas regiões de Capão Redondo (bairro da Zona Sul da cidade de São Paulo, que concentra mais de 500 favelas) e Minador do Negrão (no agreste de Alagoas, no nordeste brasileiro, onde há incidência de pobreza de 60,57%, de acordo com dados do IBGE).

Capão Redondo, distrito pertencente à subprefeitura de Campo Limpo, fica na região sudoeste da cidade de São Paulo. De acordo com dados da pesquisa DNA Paulistano, do Datafolha, a maioria da população do bairro (35%) vive com uma renda inferior a R\$1.244,00 (menos de dois salários mínimos).

Já o município alagoano de Minador do Negrão possui Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de 0,563 (2010). O município está situado na faixa de Desenvolvimento Humano Baixo (IDHM entre 0,5 e 0,599). “Entre 2000 e 2010, a dimensão que mais cresceu em termos absolutos foi Educação (com crescimento de 0,241), seguida por Longevidade e por Renda.” (ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL, 2013, online).

5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

“Na Pele de Nós”, o produto final, foi o documentário montado com o intuito de humanizar as histórias de quatro famílias beneficiárias do Bolsa Família: em Minador do Negrão, sertão alagoano, conhecemos Cícera, Clenilda (Neguinha) e seus respectivos clãs; em São Paulo, no Capão Redondo, as histórias giram em torno das vidas de Lurdes e de Juliana. O nome da peça faz uma alusão à fala de uma das personagens, Cícera, que declarou, em uma

das entrevistas, que as pessoas só criticam o programa porque nunca estiveram na pele de quem realmente passa por dificuldades na vida.

O roteiro foi pensado de modo a “aproximar”, gradualmente, as duas localidades. Inicialmente e sem trilha sonora, algumas informações sobre o Bolsa Família são esclarecidas: conceitos de pobreza e pobreza extrema, número de famílias beneficiadas, condições para receber o benefício. Estes dados funcionam para situar o espectador no assunto a ser abordado. Logo em seguida, a fala é de Cícera: “Eu não gosto do Brasil porque como pode um país tão rico ter tanta miséria?”. Cícera mostra a que veio com sua fala carregada de críticas políticas (inclusive mencionando as pessoas que moram nas “vuelas” de São Paulo), com sua seriedade e sua consciência.

Para reduzir as “fronteiras”, primeiro, há uma “apresentação” de cada família. As transições destas apresentações (quando os personagens contam de onde vieram e falam sobre sua relação com o Bolsa Família) misturam falas de uma família e imagens de outra localidade (Cícera falando que deveríamos ir mais para o “interior” para conhecer pessoas em situação pior e imagens da Serra de São Raimundo, onde mora Neguinha; Neguinha falando que gostaria de ir para São Paulo trabalhar e dar uma vida melhor para seu filho e imagens do Capão Redondo). Depois dessa “apresentação”, as transições são ainda mais suaves. A ideia foi realmente explorar as imagens espontâneas, de um dia na cozinha, das brincadeiras no açude ou nos becos e vuelas, das conversas em frente à bacia para lavar louça. Procurou-se explorar, nas transições, as coincidências e ironias das duas localidades (uma das crianças alagoanas correndo em meio a um milharal enquanto, em São Paulo, outra brinca cercada pelos muros de cimento da vuela, filmados sob a mesma perspectiva). Não há uma ordem certa de aparição de cada personagem, nem todos falam sobre os mesmos assuntos. Na última parte do documentário, é como se todas as famílias se conhecessem e estivessem “conversando” sobre o assunto: os problemas de exclusão, o preconceito, a injustiça social, as dificuldades que passaram na vida, inclusive rebatendo algumas críticas ao programa, personificadas por Adriano, genro de Lurdes que se demonstrou completamente contrário à ideia do Bolsa Família. O fechamento de “Na Pele de Nós” é consolidado pela figura de uma criança, uma das filhas de Cícera, avistando o horizonte, o que representa o futuro que a aguarda, sua noção de “mundo”.

A trilha sonora que acompanha o documentário foi composta em parceria com Matheus Frainer Bischoff, músico e amigo do grupo. Dois instrumentos foram utilizados: violão e

flauta doce. As músicas foram pensadas de forma a dar um tom menos dramático e mais dinâmico às imagens, assim, o trabalho não explora a “tragédia” e foge do trabalho institucional (apesar de ser favorável ao programa Bolsa Família, em nenhum momento a intenção foi fazer propaganda política) sem deixar de trabalhar com a sensibilidade do espectador.

6. CONSIDERAÇÕES

Fazer um trabalho sobre algo que faz parte da vida de milhões de pessoas é uma tarefa desafiadora. Ainda mais quando o assunto divide opiniões e desperta preconceitos. Ao longo de todo o curso de jornalismo, estudamos a edição e tudo o que ela implica: cortar palavras e imagens, escolher, enquadrar, a impossibilidade de destituir a informação de nosso ponto de vista, nossas crenças e preceitos. Durante o processo de produção deste trabalho, nossa liberdade de edição foi quem ditou o tom do resultado final. Tudo se resume à edição.

Desde o início, na escolha do tema, sabíamos da importância de se fazer um jornalismo mais atento às questões sociais não simplesmente na pauta, mas também no formato. Apesar de o Bolsa Família dizer respeito a milhões de pessoas, as matérias relacionadas ao assunto tendem a ser superficiais - e mais ligadas aos números e gráficos do que às pessoas em si. No ambiente da faculdade em que estudamos, os pobres são minoria, são "os outros", e, de certa forma, sentíamos que precisávamos encurtar esse distanciamento. Só um jornalismo mais aprofundado e sensível poderia fazê-lo.

Percebemos que a vida dos beneficiários do programa Bolsa Família seria muito pior se ele não existisse. A partir da consolidação da proposta do programa, notamos uma significativa transformação na vida das famílias. Além do poder de compra e a autonomia de poder usar o dinheiro com produtos necessários para a casa ou a família, os filhos dos beneficiários também tiveram melhorias na saúde e educação, a partir das condicionalidades exigidas.

Entendemos que o documentário social é uma ferramenta importante para a conscientização porque nos dá maior flexibilidade para a edição, além do ponto de vista adotado e/ou privilegiado. Assim, quando decidimos dar voz e espaço para os beneficiários e não para especialistas, definimos um recorte que possibilitou a percepção de que o documentário é um agente transformador. Diferente da grande mídia, o vídeo colabora para uma maior

proximidade e leva o espectador para uma realidade que nem sempre é do interesse do público, mas que pode mostrar diferentes visões e opiniões.

Foram muitos quilômetros viajados, tanto no nordeste quanto diariamente em São Paulo, e quase um terabyte de material registrado. Para que isso se tornasse "Na Pele de Nós", para que todas essas imagens fossem escolhidas, cortadas e montadas numa sequência para que fizessem sentido e sensibilizassem o público, discutimos muito e dormimos pouco. Não gostamos do trabalho e depois o achamos muito bonito. Achamos que faltavam informações ou que havia informações demais. O documentário ajudou a representar as diferentes realidades dos beneficiários do Bolsa Família e a humanizá-los porque foi construído de forma a produzir sentido, e não a reproduzir um discurso.

E, assim como nosso trabalho, a oportunidade de fazê-lo também transformou e deu-nos a chance de sermos ainda mais humanos. As experiências que tivemos em Minador do Negrão, distantes da segurança de nosso lar e em terras completamente desconhecidas, e no Capão Redondo, onde pudemos reencontrar realidades muitas vezes esquecidas, foram fundamentais para que percebêssemos que o jornalismo precisa articular a teoria e a prática em todas as suas expressões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil de 2013. Disponível em: <<http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/>> Acesso em 22 de abril de 2014

COSTA, Luciano Martins. **Cobertura rala, redações alienadas.** Observatório da Imprensa. 2013. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/imprimir/53911>> Acesso em 31 de março de 2014.

DNA PAULISTANO. Blog Folha SP Dados: Datafolha, 2012 (online). Disponível em: <<http://folhaspdados.blogfolha.uol.com.br/2012/09/14/dna-paulistano-navegue-pelos-dados-em-mapa-interativo/>>. Acesso em: 22 de maio de 2014.

DÖPPENSCHMITT, Ellen. **Políticas da Voz no Cinema em Memórias do Subdesenvolvimento.** São Paulo: EDUC; Fapesp, 2012.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa.** 4ª Ed. São Paulo: Atlas, 2002. 176 p.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2010.** Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/en/>>. Acesso em: 15 de abril de 2014, 22 de maio de 2014 e 2 de novembro de 2014.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE À FOME. **Bolsa Família.** Governo Federal. Disponível em: <<http://www.mds.gov.br/bolsafamilia>> Acesso em 22 de março de 2014

NUNES, Augusto. **A Segunda Geração de Dependentes do Bolsa Família é uma Prova Contundente do Fracasso do Programa.** Coluna do Augusto Nunes. 2013. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/augusto-nunes/feira-livre/reynaldo-bh-a-segunda-geracao-de-dependentes-do-bolsa-familia-e-uma-prova-contundente-do-fracasso-do-programa/>> Acesso em 05 de junho de 2014.

SOUZA, Bruna; et al. **Bolsa Família: Uma Análise Crítica Sobre Sua Representação Na Mídia.** São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2014.

TOMAIM, Cássio dos Santos. **“Janela da Alma”:** cinejornal e estado novo – fragmentos de um discurso totalitário. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2006.